



Do espaço faço minhas palavras: um olhar sobre o *Sarau Vira-Lata* de Belo Horizonte¹

Tomás GERMAN²

Afonso SCLIAR³

Luiza Pontes BRANT⁴

Angela ZAMIN⁵

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Em evidência nos últimos anos em todo o globo, os movimentos de tomada das ruas, ou ocupações urbanas, ganham proporções artísticas e culturais, evidenciando a preocupação com o uso dos espaços urbanos, as interações e as relações interpessoais que se dão nestes espaços. O presente artigo analisa o *Sarau Vira-Lata*, encontro itinerante de literatura pelos espaços públicos da capital mineira, a partir de conceitos como ocupação, movimento e multidão (HARVEY, 2012; SHIRKY, 2012; CARVALHO, 2012). Identifica-se que o *Vira-Lata* se movimenta entre as redes sociais e as mídias sociais (RECUERO, 2010), como modo de mobilização e visibilidade. O artigo utiliza entrevistas, bem como a efetiva participação em edições do *Sarau*, como modo de acessá-lo para a investigação.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; espaço; arte; ocupação; marginalidade.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Minutos antes a praça estava vazia. Exceto pelos transeuntes, que assim como os turistas, só passavam. Todavia, diferindo dos turistas, os transeuntes não prestavam atenção ao local onde estavam; eles somente passavam. Até que as primeiras pessoas que vieram para a praça com um propósito específico começaram a chegar. O espaço, então, começou a se humanizar, isto é, a ganhar vida, a tomar forma, a comunicar. Em pouco tempo o espaço público se transformou em palco de um movimento de tendência mundial, o movimento de ocupação.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 05 a 03 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da FAFICH-UFMG, email: tomasspgerman@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Artes Visuais da EBA-UFMG, email: akascliar@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 5º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da FAFICH-UFMG, email: lupbrant@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho; Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos); Professora visitante do Curso de Comunicação Social da FAFICH-UFMG; email: angelazamin@gmail.com



Não. Não estamos falando de *Wall Street*, *Puerta del Sol* ou *Tahir*, estamos falando de Santa Tereza, praça histórica de Belo Horizonte, localizada próxima ao centro e que havia inspirado poemas de Milton Nascimento, Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. Estamos falando, também, do Cemitério do Bonfim e do Prédio JK, falamos da Praça da Liberdade, do Centro Cultural da UFMG, do Prédio Rainha da Sucata, Museu de Artes e Ofícios, Viaduto Santa Tereza, da Praça da Estação e assim por diante. Estamos falando do espaço público de Belo Horizonte, ou melhor, estamos falando de Belo Horizonte. Falamos de uma cidade que possui um grande potencial artístico. Falamos de uma cidade que oferece espaços públicos para a manifestação de artistas, para a discussão de ideologias, para o exercício da democracia.

Exemplo disso é o *Sarau Vira-Lata*, encontro itinerante de literatura, que propõe a apropriação do espaço público e sua transformação em palco. De acordo com Paola Berenstein Jacques (2008), as apropriações do espaço público possibilitam identidades à cidade, criadas por seus próprios cidadãos, que, deixando a passividade de lado, assumem os rostos que querem dar à cidade em suas vivências urbanas.

Mesmo estando sujeitos ao rolo compressor homogeneizador da cidade-espetáculo, atores sociais urbanos ainda conseguem reverter o processo ao se apropriar de espaços públicos, para habitação ou encontros variados. (JACQUES, 2008).

O *Sarau Vira-Lata* é um encontro itinerante de literatura que acontece quinzenalmente em Belo Horizonte. Cada encontro é em um espaço urbano diferente. Em sua página do *Facebook*, o Sarau se identifica da seguinte maneira:

O *Sarau Vira-Lata* é um encontro itinerante de amantes da literatura marginal com intuito de ocupar a cidade. O sarau acontece em praças, centros culturais, sob viadutos, aglomerados, parques, ruas, bares, bibliotecas, e todo lugar onde possamos reunir pessoas que desejam compartilhar desta literatura. A cidade de Belo Horizonte, assim como outros centros urbanos, vem sendo enxergada cada vez mais como um lugar de passagem e não de vivência tornando-se a cidade espetáculo: apenas observamos acontecer, sem de fato participarmos dela. Nós queremos participar! E por que não com poesia? (*Sarau Vira-Lata*).

Durante o segundo semestre de 2012, acompanhamos o encontro desses “vira-latas” pelas ruas de Belo Horizonte. Os locais pelos quais fomos desafiados a ocupar foram, na ordem, Praça Santa Tereza, Cemitério do Bonfim e Prédio JK. Sim, fomos

desafiados.⁶ Desafiados pelo medo incutido em nossa sociedade de ocupar os espaços públicos. A violência, a falta de transporte público, a sujeira, o sentimento de não pertencimento foram alguns dos medos com os quais nos deparamos. Tivemos que nos desapegar dessas ideias e considerar que os espaços públicos são do povo e que nós somos o povo, de modo que os espaços públicos também são nossos.

Fomos convencidos do absurdo que é uma política higienista, aos moldes da que acontece atualmente em grandes capitais brasileiras, como Belo Horizonte, por exemplo, protagonizada pela administração do prefeito Márcio Lacerda. Um exemplo de tal política, criticada sob o argumento de “privatização” de espaços públicos, é o que ocorreu na Praça da Estação, região central da capital mineira, que já foi cercada para impedir o acesso da população em geral, em função de eventos de empresas privadas. Política que o professor da Universidade da Cidade de Nova York (Cuny), David Harvey, questiona:

Com que direito os prefeitos, os chefes de polícia, os oficiais militares e as autoridades do Estado dizem para nós, o povo, que eles podem determinar o que é público em “nosso” espaço público, bem como quem pode ocupá-lo e quando? Quando é que eles presumem expulsar-nos, o povo, de qualquer espaço que nós, o povo, decidimos coletivamente ocupar? (HARVEY, 2012, p. 62).

Vale ressaltar que o *Sarau Vira-Lata* não tem a pretensão de ser um movimento político, como os que aconteceram em *Wall Street (Occupy Wall Street)*, movimento que inspira os dizeres de Harvey. Todavia, o *Sarau* se constrói político na medida em que vai contra a privatização do espaço público e convida a população a ocupá-lo e a se unir em favor da arte, da expressão.

Também fomos desafiados a nos sentir à vontade nesses espaços públicos e mostrar a cara para participar do *Sarau*, isto é, termos coragem de também sermos “vira-latas”. Apesar da não obrigação dos participantes recitarem poesia no *Sarau*, sentimos a necessidade de tal experiência para a produção do nosso trabalho.

Com isso, iniciamos os relatos sobre as nossas percepções sobre essa forma de ocupação da cidade e percepções diversas, baseadas em leituras que fizemos para concluir a produção desse texto e conversas com participantes e organizadores do *Sarau Vira-Lata*.

⁶ Para uma maior produção de conhecimento a cerca do Sarau, preferimos sair da passividade de observadores para vivenciar essa forma de ocupação. Para tanto, também nos propomos a recitar poesias e ocupar os espaços urbanos.

2. OCUPAÇÃO VERSUS INVASÃO

Nas palavras do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, “ocupação” pode ser definido da seguinte maneira:

1 ato de apoderar-se de algo ou de invadir uma propriedade; posse; 2 ato de trabalhar em algo; o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; serviço; 3 atividade, serviço ou trabalho principal da vida de uma pessoa; 4 obrigação a cumprir, papel a desempenhar em determinados setores profissionais ou não; cargo, função, ofício; 5 ato de colocar (-se) em (um cargo, emprego, função etc., que estava livre); preenchimento; 6 JUR modo de aquisição da propriedade de coisa móvel sem dono ou abandonada; apropriação (HOUAISS, 2004, p.2049)

Por outro lado, “invasão”, no mesmo dicionário, significa:

1 ato ou efeito de invadir; ato de penetrar (em local, espaço etc.), ocupando-o pela força; 1.1 migração acompanhada de violência e devastações [...]; 2 ato de alastrar-se e difundir-se maciça e rapidamente [...]; 3 fig. difusão de largo alcance, propagação de alguma coisa de cunho abstrato [...]; 4 fig. desrespeito, desconsideração, esp. em relação à vida pessoal de outem; usurpação [...]; 5 B terreno, área ilegalmente ocupada por moradias populares; 6 DIR.INT.PUB entrada, sem prévia autorização, de forças armadas estrangeiras em território de um Estado; 7 DIR.PEN crime que consiste na entrada, sem autorização, em estabelecimento de trabalho com o objetivo de prejudicar as atividades normais ou danificar o próprio estabelecimento (HOUAISS, 2004, p. 1642).

A década de 1990, especialmente, foi palco de um grande conflito em que essas duas palavras foram utilizadas para descrever um mesmo movimento. Por um lado, jornais de grande circulação nacional denominavam as ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) como “invasões”. De outro, os integrantes do próprio movimento e alguns jornais alternativos as nomeavam “ocupação”.

Esse conflito ficou mais evidente na programação da Rede Globo. No período de 17 de junho de 1996 a 15 de fevereiro de 1997, a emissora televisionou a novela *Rei do Gado* que possuía como temática justamente a questão fundiária do país. Na novela, apesar de o movimento fictício ser representado com símbolos e nome diferentes, era impossível não fazer a relação com o MST. Durante o mesmo período, o MST ganhou grande visibilidade no *Jornal Nacional* (da mesma emissora), em função de uma série de ações promovidas. Na novela das 21h, as ações do movimento eram tratadas como “ocupações”, todavia, mais cedo, no *Jornal Nacional*, a palavra mais usada era “invasão” (HAMBURGER, 2000).

Não resta dúvida que a opção por um léxico, uma palavra, evidencia claramente uma tomada de posição, a inscrição em um conjunto de significados e o abandono de outros. Ao se escolher “ocupação”, a palavra soa democrática e parece ser mais um dever, um direito, do que um delito, uma infração. “Invasão” por outro lado, tem forma mais agressiva, violenta (conforme o próprio dicionário descreve).

Os movimentos contemporâneos de tomada da rua não se diferem do MST na escolha do vocábulo que os definem: “ocupação”. A preocupação em se autoneomarem dessa forma demonstra como se preocupam, de antemão, com a mudança de atitude da população. As frases de Harvey (2012), já citadas, comprovam: é algo que é nosso por direito. O espaço público não pode ser invadido pela população, da mesma forma que você não pode invadir a sua própria casa, isso é impossível.

Vez ou outra o movimento de tomada das ruas, também é denominado como “apropriação”. Termo esse que é definido no *Houaiss* como:

1 ato ou efeito de apropriar (-se), de se tornar próprio, adequado; adequação, pertinência; 2 JUR ato de tornar própria (coisa) sem dono ou abandonada; ocupação; 3 PUB B orçamento detalhado de publicidade que se submete ao anunciante para o seu julgamento; 4 PUB B aplicação de verba de propaganda reservada pelo cliente para determinada campanha específica ou para um período determinado de esforço publicitário (HOUAISS, 2004, p.262)

De certa forma, “apropriar” seria um uso mais adequado para o movimento. Entretanto, não se pode desconsiderar o caráter metamórfico dos signos que constantemente estão significando e se ressignificando conforme seus usos. Borba (apud ANGIOGIOLILLO, 2002) discute essa ressignificação das palavras. Para o autor, “as palavras vem em ondas e são testemunhas do tempo” (2002, documento eletrônico). Tal afirmação permite perceber que as palavras alteram-se no tempo, podendo o emprego de um termo funcionar como indicativo de uma época, como registro histórico.

A pretensão de movimentos como MST e *Occupy Wall Street* (e por que não o *Sarau Vira-Lata?*) é justamente legitimar positivamente a palavra “ocupação”, justificando, deste modo, seus ideais e suas ações. Pretensão essa, que pode ser interpretada como algo político, ou cultural somente, e que reflete uma preocupação com a vivência e com a forma que se dão as relações interpessoais.

Na abertura do livro *Cidade Ocupada*, Pires (2007) afirma que ocupação é

[...] uma aventura. O objetivo dessa aventura é ela mesma. Percorrer. Experienciar. Basicamente a disposição para o encontro: o encontro com o

outro, o encontro no outro, o encontro como território que se modifica a cada acesso (PIRES, 2007, p.11).

Por essa sentença de Pires, podemos considerar o espaço como um signo, capaz de mudar seus significados. Como o rio de Heráclito, o espaço público nunca pode ser o mesmo depois de uma experiência. O choque que se estabelece no contato com o outro e com o espaço, promove uma modificação, uma evolução, capaz de reaver nossas vivências e relações interpessoais. Žižek (2012) complementa essa ideia ao afirmar que:

A verdadeira chave para a verdadeira liberdade, [...], reside na “apolítica” de relações sociais, desde o mercado até a família, em que a mudança necessária, se quisermos melhoria efetiva, não é a reforma política, mas a transformação nas relações sociais “apolíticas” de produção (ŽIŽEK, 2012, p. 22).

3. A MARGINALIDADE NA ARTE

É de fato intrigante o quanto as manifestações artísticas contemporâneas são influenciadas pelas apropriações da rua. Isso se verifica desde a década de 1960, época em que se iniciaram as pichações pelas cidades brasileiras, na maioria das vezes motivadas pela ditadura e pela marginalidade de pensamentos e ideologias, e chega aos dias atuais com movimentos como o *Sarau Vira-Lata*, por exemplo. Aliás, o próprio nome deste movimento faz menção à utilização da rua e, também, à marginalidade. É justamente em função do medo incutido na população, de modo geral – e que estava em nós até o período da fase inicial da execução do trabalho, conforme foi mencionado anteriormente –, que o movimento se propõe a chamar uma parcela da população para sair às ruas e a desafia a interagir e a se manifestar como vira-latas, ou seja, levando pessoas que comumente não agiriam desta forma a atenderem a esse chamamento, respondendo às expectativas do coletivo que organiza as ações.

O medo das ruas foi construído, principalmente, na formação do pensamento moderno, em que a velocidade de inovações e o constante contato com pessoas desconhecidas assustavam o sujeito. Tal reação à modernidade foi descrita por Ben Singer (2004) em seu texto *Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular*, em que o autor discute a utilização do espaço público por meio de cartazes, edifícios, entre outros elementos, que configuravam um verdadeiro choque na experiência com o espaço do sujeito acostumado a paisagens bucólicas.

Todavia, quando se trata do sujeito contemporâneo (o sujeito dos dias atuais) a questão se modifica. O ser humano se acostumou tanto com a vida nas cidades que



tomou essa forma de vida como natural, sendo impensada outra forma de constituição social atualmente. Entretanto, o medo das cidades ainda permanece, mas já não é por hora dele ser quebrado. Movimentos artísticos, como o grafite, vêm desafiar nossa adaptação à urbe, e seus multiplicadores propõem um maior conforto e aceitação das aventuras, para retomar Pires (2007), evidentes no espaço urbano.

Não obstante, Inhotim, maior acervo de arte contemporânea do Brasil, localizado próximo a Belo Horizonte, possui obras que bebem dessa influencia “vira-lata”, não a do *Sarau*, mas a da marginalidade, a do uso da rua. Obras como *Troca-troca*, de Jarbas Lopes, os fuscas coloridos com frases palíndromas que podem ser lidas de diferentes maneiras, em que se pressupõe uma utilização do espaço público (estradas e ruas) para a criação de sentido, vão muito ao encontro do que é o *Sarau Vira-Lata* atualmente. Isso porque a prática de ocupar, como os locais que ocupamos, constroem nossa identidade e nossas relações, possibilitam a instalação de um sentimento de coletividade por meio do agrupamento de pessoas e é visto como um meio de expressão e divulgação de ideias e textos.

Um dos responsáveis pela organização do *Sarau Vira-Lata*, Carlos Eduardo dos Anjos, o “Kdu”,⁷ afirma que o *Sarau* surgiu depois de uma experiência dele em um bairro periférico (marginal) de Belo Horizonte. Em entrevista por nós realizada, “Kdu” afirma:

Particpei por alguns anos do sarau *ColetiVoz* que acontece na periferia do Barreiro. Ali sempre enxerguei a necessidade da cidade ter um movimento de poesias no centro, pois o centro é uma quebrada, uma vez que todos os ônibus de Belo Horizonte passam lá.

Ora, o conceito de marginalidade muitas vezes nos remete ao que está na periferia, a margem, nas bordas, excluído. Marginalidade, segundo o Houaiss, significa “1 caráter, qualidade ou condição do que ou de quem é marginal; 2 posição marginal em relação a uma forma social” (2004, p. 1852).

Hélio Oiticica, artista contemporâneo brasileiro, possui uma famosa obra na qual propõe, de forma um tanto quanto publicitária, que o interlocutor “seja marginal”. Ao propor tal identidade, Oiticica (1968) realiza uma ação política de considerar aquilo que é excluído e tido como lixo, algo para se admirar e se referenciar. Tal ação nada mais é do que “centralizar” aquilo que estava à margem.

⁷ A opção por nomeá-lo “K-du” deve a forma como ele se apresenta e pelo não emprego do nome de registro.

Da mesma forma, o *Sarau Vira-Lata* propõe, com sua valorização da poesia marginal, centralizar, colocar em evidência, aquilo que era destinado às margens, ao esquecimento e a despreocupação. E o motivo disso, não poderia ser outro se não o fato do centro ser o espaço da visibilidade. E é dando visibilidade ao que é marginal que se pode retirar seu caráter negativo, excludente. Se a cidade é algo feito para todos, nada mais justo do que haver eventos em que a multiplicidade seja presente.

Outra expressão marginal que ganha centralidade no *Sarau Vira-Lata* é a produção e distribuição de *fanzines*. Alternativo em relação aos meios de comunicação impressos tradicionais e uma forma de interação entre grupos, os *fanzines* surgiram nos Estados Unidos, na década de 1930, tendo destaque no Brasil especialmente nos anos 70 e 80. Durante os sarais acontece tanto a distribuição destes materiais como a leitura de poesias neles publicadas.

O cenário dos sarais alteram-se. Ora uma praça, um prédio ou um cemitério. O roteiro, entretanto, mantém-se: chegada, inscrição e declamação das poesias, atravessados, sempre, pela interação e pela troca entre os presentes. No *Sarau* há espaço para qualquer poesia e poeta, dos famosos aos desconhecidos, dos reconhecidos aos marginais.

4. CONCEITO DE MULTIDÃO

Falamos de “movimento” para se referir ao *Sarau Vira-Lata*, contudo “K-du”, organizador do *Sarau*, afirma que eles não possuem a pretensão de se constituir em um “movimento” social:

O *Sarau* não tem como principal objetivo ser um movimento social. Somos um grupo de poetas e admiradores que se reúne pra ouvir e dizer poesia. Toda ação gerada a partir do encontro é lucro. Algo que passa a ser um destaque social no *Sarau Vira-Lata* é a democracia e a importância de dar voz a qualquer cidadão e tipo de poesia (texto, performance, prosa, conto, etc..) como diria o Renato Negrão: “é o *Sarau* da palavra sarada”.

Referir o *Sarau* como “movimento” pode de fato destoar dos objetivos da iniciativa. Além de não haver pretensões, como afirma “K-du”, o *Sarau* não foi criado com base em conceitos filosóficos ou ideologias predominantes. Seria impensado que daqui a pouco os poetas participantes do *Sarau* criassem um “Manifesto dos Vira-Latas” como fez Oswald de Andrade no “Manifesto Antropófago” (ou Manifesto Antropofágico), durante o Movimento Modernista Brasileiro. Também não se pode

perceber algo semelhante às inspirações marxistas presentes no discurso do MST, o *Sarau* tem como pretensão única a poesia e o encontro entre pessoas diferentes, sem nenhuma defesa de ideologias.⁸

Com isso, o melhor termo para se definir o *Sarau* pode ser o de “multidão”. O termo multidão diz respeito a uma massa heterogênea, não unificada, mas que se interliga por um motivo único, no caso a ocupação e a poesia. A multidão, entretanto, “se apresenta como importante ator político” (CARVALHO, 2012, p. 79) e por meio dela é possível promover mudanças sociais, discutir determinados assuntos na sociedade. Para Carvalho (p. 81), “a multidão é criadora, deseja outra realidade, seu movimento e produção dão forma ao mundo, sua biopolítica”.

O *Sarau* nada mais é do que uma ação coletiva pautada por uma pluralidade de pessoas, de classes, idades, estilos diferentes. Essa característica de pluralidade para uma ação coletiva diz respeito à multiplicidade. “A multidão representa uma pluralidade que persiste como tal na cena pública, na ação coletiva, na atenção dos assuntos comuns, sem convergir no Uno, sem evaporar-se em um movimento centrípeto” (VIRNO apud CARVALHO, 2012, p. 80).

A utilização do termo “movimento”, entretanto, se baseia no fato de o *Sarau Vira-Lata* não ser um acontecimento isolado em pleno século XXI. Só em Belo Horizonte identificam-se diversos eventos que possuem características semelhantes as do *Sarau*, sendo uma delas justamente o caráter de multidão. “Movimento”, então, diz respeito ao que vivemos atualmente, uma efervescência cultural e política baseada na utilização dos espaços urbanos.

Mas para criar esse aspecto de multidão nesses movimentos, um fator fundamental é a mobilização social (TORO e WERNECK, 2007). Se as pessoas não estão mobilizadas não é possível que ocorra uma ocupação, justamente pelo fato de o medo ainda estar incutido no pensamento pós-moderno. Para que a mobilização aconteça de fato, a principal ferramenta utilizada nos principais movimentos de ocupação do mundo é a internet, por meio das mídias sociais. Shirky (2012, p. 137), todavia, lança a ressalva de que “as ferramentas sociais não criam a ação coletiva”, elas auxiliam por meio da disseminação de informações. Para o autor, “a produção colaborativa, em que as pessoas têm de se coordenar umas com as outras para conseguir

⁸ É certo que existe uma ideologia, nada em Comunicação pode haver sem ela, todavia, ela não é evidenciada, não é defendida, ela é apenas executada; pode ser percebida somente por meio de análises semióticas.



fazer alguma coisa, é muito mais difícil que o simples compartilhamento, mas os resultados podem ser mais significativos” (2012, p. 94).

Não resta dúvida o quanto o determinismo tecnológico foi pautado na mídia como fator fundamental para a Revolução Árabe e outros movimentos recentes. Entretanto, é fato que quem fez a Revolução Árabe não foi o *Twitter*, mas seus usuários. Da mesma forma o *Sarau Vira-Lata* utiliza o *Facebook*, outra mídia social, para mobilizar seus participantes. Segundo “K-du”, “temos que criar o evento no *Facebook* e soltar um *flyer* no mínimo dois dias antes do sarau, a partir daí o compartilhamento da gelara que garante os participantes do encontro”.⁹

“K-du” esclarece, ainda, que a ferramenta *Facebook* foi utilizada desde o início do *Sarau* para a divulgação do evento:

No início era somente um encontro de amigos organizado pela rede social. Desde sempre divulgamos os encontros via *Facebook*, já tivemos algumas matérias e agenda divulgadas em jornais e telejornais, porém, a força da mobilização é concentrada no *Facebook*.

De forma um pouco precipitada, pode-se inclusive perceber os movimentos de ocupação como movimentos transmidiáticos (JENKINS, 2008). Não somente pelo fato de se estabelecerem em duas mídias – a internet e a rua –, mas pelo fato delas conversarem entre si. Há uma aproximação de uma mídia tradicional (a rua, já que desde seu surgimento a cidade é o espaço público, um meio, uma mídia) com as novas mídias (as mídias sociais). A rede social formada na rua, o agrupamento de pessoas no e em torno do *Sarau Vira-Lata*, tem continuidade nas mídias sociais por meio do compartilhamento de fotos, ideias, poesias, informações, etc. Segundo Recuero (2010, p. 24 [grifo no original]), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É pela ocupação da cidade que se pode transformar a visão que os próprios cidadãos têm dela. Segundo Jacques (2008, documento eletrônico), “somente através de uma participação efetiva o espaço público pode deixar de ser cenário e se transformar em verdadeiro palco urbano: espaço de trocas, conflitos e encontros”.

⁹ Entrevista por nós realizada com Carlos Eduardo dos Anjos, “K-du”.



A importância do *Sarau Vira-Lata* vai muito além de práticas democráticas. Ele dá visibilidade ao artista, funciona para ele como uma motivação para seu trabalho, para sua expressão. Recitar um poema no *Sarau*, mais do que votar ou participar de abaixo-assinados, é a certeza de ser ouvido. Afirmção essa, retirada da boca de um poeta participante de uma das edições que acompanhamos durante a investigação.

Por meio do *Sarau*, pessoas de diversas idades (com mais presença de jovens, o que não inibe algumas pessoas com mais idade de comparecer), de diversos estratos culturais, de diferentes classes sociais e estilos, estão unidas por uma causa: a poesia. Essa união possibilita a criação de uma alteridade entre os participantes na medida em que as realidades se cruzam, as visões se interceptam, as experiências são trocadas. Para “Kdu”, os melhores momentos do *Sarau* são os instantes iniciais em que os participantes esperam os outros chegarem para iniciar e quando inscrevem para participar, porque há interação, “troca de ideias”, circulação.

No texto *Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade*, Jacques (2008) afirma que são as trocas, as interações entre os cidadãos, que possibilitam a verdadeira vivência da cidade. É se inspirando no outro, nos outros “errantes urbanos”, como ela diz, que se experiencia de forma apropriada todo o espaço urbano, deixando-se de ser “turista”, um mero passante, para ser ator social.

A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada. Ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Para o errante urbano sua relação com a cidade seria da ordem da incorporação. Seria precisamente desta relação entre o corpo do cidadão e deste outro corpo urbano que poderia surgir uma outra forma de apreensão da cidade, uma outra forma de ação, através da experiência da errância – desorientada, lenta e incorporada – a ser realizada pelo urbanista errante, que se inspiraria de outros errantes urbanos e, em particular, das experiências realizadas pelos escritores e artistas errantes (JACQUES, 2008, documento eletrônico).

Essa “troca de ideias” permite as mais variadas relações e produções expressivas, uma vez que, por sermos seres sociais, a relação com o outro influencia, e muito, nossas condutas e práticas sociais. Há teóricos contemporâneos da democracia que afirmam que é por meio do diálogo, da conversa que será possível formar uma democracia exatamente plena, porque por meio da conversa as pessoas se conhecem e as realidades são cruzadas. Essa democracia gerada por meio do *Sarau* (nem que seja somente durante o *Sarau*) é a democracia almejada pelos manifestantes de *Wall Street*,



os indignados da Espanha, os estudantes do Chile (que tomaram as ruas em busca de melhores condições de ensino público).

Em conversa informal com um dos participantes do *Sarau Vira-Lata*, ficou evidente que o *Sarau* pode ser visto como um meio, assim como a televisão, o rádio e o jornal (contudo mais democrático e acessível), para artistas independentes mostrarem seus trabalhos, para as pessoas interagirem, para deslocar a periferia para o centro – a arte da periferia, as pessoas da periferia, as expressões artísticas da periferia. Ora, não seria o próprio McLuhan que afirma que o próprio meio produz sentido? O próprio fato das pessoas se sentirem à vontade para se expressarem, exporem o que escreveram, não é uma forma de gerar sentido?

Como seres sociais, as pessoas precisam se encontrar no outro para se encontrarem, para se mostrarem vivas, e é exatamente essa necessidade que leva dezenas de pessoas ao espaço público belo-horizontino para recitar poesias.

Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as diferentes ações, apropriações ou improvisações, dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano (JACQUES, 2008, documento eletrônico).

E por que poesias? Poderia ser qualquer tipo de manifestação artística. Assim como há o grafite, os teatros de rua, as estátuas humanas, os *flash mobs*, a poesia é só mais uma possibilidade. No *Sarau Vira-Lata*, o espaço torna-se palavra, transforma-se em poesia.

REFERÊNCIAS

ANGIOLILLO, F. Língua Viva. **Folha de S. Paulo** [online], São Paulo, 18 de julho de 2002. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1807200206.htm>>. Acesso em: 13 maio 2013.

CARVALHO, D. Jornalismo de multidão: a resistência da rede Indymedia. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** [online], Rio Grande do Sul, maio/agosto de 2012. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/revistas/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.02/993>>. Acesso em: 14 maio 2013.

ENTREVISTA com Carlos Eduardo dos Anjos (“Kdu”) concedida aos atores. 9 de dezembro de 2012

HAMBURGER, E. Política e intimidade: a reforma agrária em O Rei do Gado. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 57, jul. 2000, p. 91-102. Disponível em: <http://www.novosestudos.com.br/v1/files/uploads/contents/91/20080627_politica_e_intimidad_e.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2013.



HARVEY, D. Os rebeldes da rua: o Partido Wall Street encontra sua nêmesis. In: HARVEY, D. et al. **Ocuppy**: movimentos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 57-64.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

JACQUES, P. B. **Corpografias Urbanas**. Disponível em <<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/Paola.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2012.

JACQUES, P. B. **Elogio aos Errantes**: a arte de se perder na cidade. Disponível em <<http://blog.reverberacoes.com.br/2008/10/por-paola-berenstein-jacques/>>. Acesso em: 26 out. 2012.

JACQUES, P. B. **Errâncias Urbanas**: a arte de andar pela cidade. Disponível em <http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf>. Acesso em: 26 out. 2012.

JACQUES, P. B. **Estética da ginga**: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. 4. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

JENKINS, H. **Convergence Culture**: where old and new media collide. Nova York: New York University Press, 2008.

MARQUEZ, R.; CANÇADO, W. **Atlas Ambulante**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas - ICC, Rona Editora, 2011.

MARQUEZ, R.; CANÇADO, W. **Domesticidades**: Guia de bolso. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas - ICC, 2010.

SARAU Vira-Lata. Disponível em <<https://www.facebook.com/sarauviralata>>. Acesso em 10 out. 2012.

OITICICA, H. **Seja marginal, seja herói**. 1968. Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/marginalia>>. Acesso em: 30 mar. 2013.

PIRES, E. **Cidade Ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007. (Tramas Urbanas; v.2).

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SINGER, B. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: Charney, L. e Schwartz, V. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TORO, J. B.; WERNECK, N. M. D. **Mobilização social**: um modo de construir a democracia. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ŽIŽEK, S. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, D. et al. **Ocuppy**: movimentos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2012. p. 15-26.